

Meio ambiente e sociedade

Marcelo Leite

Jornalista, doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Vencedor do Prêmio José Reis de Divulgação Científica de 2005.



Texto ficcional
Marcelo Leite

Meio ambiente e sociedade
© Marcelo Leite, 2005

DIRETOR EDITORIAL Fernando Paixão
COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO Angélica Pizzutto Pozzani
Leonardo Chianca
(Edições Jogo de Amarelinha)
PREPARADORA Rita Narciso Kawamata
CONSULTORIA Cecília Condeixa
COORDENADORA DE REVISÃO Ivany Picasso Batista
REVISORAS Ana Cristina Garcia
Ana Luiza Couto
Rita Costa

ARTE
PROJETO GRÁFICO Eduardo Rodrigues
EDIÇÃO Cintia Maria da Silva
ASSISTENTE Eduardo Rodrigues
DIAGRAMAÇÃO Divina Rocha Corte
PESQUISA ICONOGRÁFICA Sílvio Klugin (coord.)
Angelita Cardoso
ILUSTRAÇÕES Robson Araújo
Attilio
IMAGEM DE CAPA © E. Dyggs/Taxi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L554m

Leite, Marcelo, 1957-
Meio ambiente e sociedade / Marcelo Leite ; texto ficcional Marcelo Leite. - 1. ed. - São Paulo : Ática, 2005.
48p. : il. - (De olho na ciência)

ISBN 978-85-08-09977-1

1. Meio ambiente. 2. Meio ambiente - Aspectos sociais.
3. Ciências (Ensino fundamental). I. Título. II. Série.

05-3645. CDD 304.2
CDU 504.03

ISBN 978 85 08 09977-1 (aluno)
ISBN 978 85 08 09978-8 (professor)

2014
1ª edição
10ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2005
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

FICÇÃO – Tempestade em Mirante do Mar	4
1. O que é meio ambiente	9
2. Energia, a fonte de tudo	15
3. A importância dos ecossistemas.....	23
4. Por que o meio ambiente se tornou um <i>problema</i> ...	30
5. O que se pode fazer pelo meio ambiente	38
6. O meio ambiente é responsabilidade de todos.....	45
FICÇÃO (cont.) –	47





Apresentação

Hoje em dia é muito difícil encontrar alguém que não defenda o meio ambiente, especialmente entre jovens. Todo mundo é a favor das áreas verdes, da reciclagem de lixo e das espécies ameaçadas, como o mico-leão-dourado. Mas será que isso basta?

Aparentemente, não. Esse aumento bem-vindo da consciência ambiental não foi ainda capaz de impedir a multiplicação de problemas que afetam a qualidade de vida de todos nós. Nas grandes cidades, sofremos com a poluição do ar e das águas, o trânsito, as enchentes e por aí vai; no campo, com a perda de solos, a contaminação de águas subterrâneas por agrotóxicos e as queimadas que empesteam o ar; nas florestas, com o desmatamento e a extinção de espécies.

O principal objetivo deste livro é indicar alguns pontos em que todos nós podemos e devemos atuar para melhorar o mundo em que vivemos. A ação consciente e eficaz, no entanto, depende do conhecimento científico e histórico. Você vai ficar sabendo, por exemplo, por que a questão energética é tão importante para a ecologia, como estão os principais ecossistemas brasileiros, o que os países já fizeram para manter a saúde da Terra e qual a sua parte nisso tudo...

Afinal, não somos apenas nós, da espécie humana, que dependemos do ambiente global. O ambiente e seu futuro também dependem da gente.



Tempestade em Mirante do Mar

“Pedregulhos líquidos de gelo gentil.”

Essa frase meio sem sentido sempre vinha à mente de Mônica quando a menina revia a cachoeira do Ibiapinha, logo que chegava a Ubatuba. Não lembrava mais como tinha aprendido essas cinco palavras, que jamais havia dito a ninguém. Talvez as tivesse ouvido do avô, ou então ela mesma houvesse inventado. Mas nunca falhava: assim que enfiava a cabeça sob o jato forte da cachoeira, como fazia naquela manhã de segunda-feira, seus pensamentos eram silenciados pelo estrondo, e ela só conseguia repetir, mentalmente:

“Pedregulhos líquidos de gelo gentil.”

Mônica sempre entrava debaixo da cachoeira de costas, pois não conseguia suportar no rosto os pingos do tamanho de bolas de gude. Doía demais. O pescoço mal segurava a cabeça no lugar, tamanha a força da água. Tudo o que ouvia era um *trrruu-trrruu-*

trrruu contínuo, mas naquele dia ela começou a achar que escutava o seu próprio nome. Como podia ser, se estava completamente sozinha na cachoeira? Ninguém ia ali às segundas-feiras.

– Mônica! Mônicaaa!

A menina decidiu abandonar o jato poderoso e se atirou para a frente, em direção à piscina natural de pedras, para ver se não estava imaginando coisas. Pegou a camiseta que havia deixado sobre uma pedra, pôs os óculos e só então viu que não se tratava de alucinação: um garoto, do outro lado da piscina, gritava seu nome.

Demorou um pouco para reconhecê-lo. Era o Carlinhos! Fazia um ano que não o via; ele estava diferente. “Acho que é o cabelo: está mais comprido, parece mais claro... Será que o Carlinhos virou surfista?” – pensou Mônica consigo mesma.

– Ô, Carlinhos, que bom te ver! Entra na água, está uma delícia.

– Não estou a fim, não, Mônica. Vim dizer um oi, me falaram que você tinha chegado de São Paulo.

Carlinhos era seu companheiro de andanças pelo bairro desde que eram crianças. Filho de Mário e Cecília, da chácara vizinha à de seu avô, o menino não perdia a chance de escapar da obrigação de tomar conta dos irmãos, Zeca e Mirinho. Três e cinco anos mais novos que ele, só enchiam a sua paciência, mas a mãe contava com ele, o mais velho, para vigiar os dois pestinhas.

Brincar com Mônica sempre fora sua paixão, mas isso só acontecia algumas vezes por ano. O resto do tempo era aquela chatice de “irmãozinho pra cá, irmãozinho pra lá”. Cecília, que era professora de biologia na escola do bairro, só deixava que ele se afastasse de casa quando Mônica estava em Ubatuba, porque gostava da menina e admirava a amizade entre os dois, uma coisa rara entre garotos e garotas daquela idade.

Mônica saiu da água. Estava usando um biquíni novo, rosa, que ganhara de aniversário de uma amiga da escola. Era meio pequenininho, mas achou um exagero quando Carlinhos abaixou os olhos. Por um instante, teve a impressão de que ele estava embaraçado, mas decidiu que era bobagem sua. Logo Carlinhos?! Com ele nunca houve aquelas coisas complicadas de menino e menina... Não ia começar justo agora...

– Cara, essa água está um gelo! – disse a garota, para puxar assunto. Já tinha se enxugado um pouco e vestido a camiseta.

– Só você pra entrar em cachoeira a essa hora da manhã – respondeu Carlinhos, que não perdia uma chance de provocar a amiga. – Mudando de assunto, você está sabendo da reunião de quinta, lá na escola? O doutor Abílio está uma fera com meu pai.

– Meu avô?

– Ele mesmo!

– Que reunião? O vô não me contou nada!

– Tipo um protesto contra o Mirante do Mar – disse Carlinhos.

Mônica ficou preocupada. Nunca tinha entendido muito bem por que o avô decidira transformar uma parte do terreno da chácara num loteamento, justo na área mais alta do morro do Urubu. Seus pais faziam piada, diziam que o loteamento se chamaria Jardim Urubu. O avô ficava bravo e nunca explicava por que,

afinal das contas, cismara com aquela ideia, justo agora que estava com 70 anos.

– Protesto? Por quê? – perguntou a menina.

– Coisa lá da ONG do meu pai, a Associação Serra do Mar Viva. Pelo que entendi, o pessoal quer impedir seu avô de derrubar a mata para abrir o loteamento.

– Aposto que meu avô não vai derrubar nada. Êta gente ignorante! Ele adora aquele lugar – retrucou Mônica. – Esse pessoal não tem mais o que fazer, fica inventando coisa...

– Ei, devagar aí! É o meu pai! – Carlinhos ficou esquentado. – Eles estão defendendo a Mata Atlântica, sacou? Você já viu alguém fazer loteamento sem derrubar as árvores? É melhor se informar, antes de sair por aí falando mal dos outros.

Carlinhos virou as costas e foi embora, sem falar tchau. Mônica ficou parada, sem saber o que dizer nem pensar. Nem deu tempo de se desculpar. Será que o seu avô estava mesmo metido naquilo? Ela tinha ouvido falar, nas férias passadas, que Mário – pai de Carlinhos e ambientalista – tinha mesmo denunciado o avô à Polícia Florestal por causa de umas árvores no morro do Urubu. Mas achava que era briga à toa entre vizinhos e, como ninguém mais tocara no assunto, pensou que tudo estivesse superado. Agora precisava tirar a história a limpo.

– Vô, que conversa é essa de reunião na escola contra o loteamento? – foi logo perguntando Mônica quando chegou da cachoeira.

O avô estava tratando das helicônias do jardim. Largou o podão e se levantou. Mônica o conhecia o bastante para perceber que estava bravo.

– Quem foi que lhe falou disso, menina?

– O Carlinhos, lá na cachoeira.

– Pois de hoje em diante não quero saber de você andando com esse moleque pra lá e pra cá, está entendendo? A família dele não é flor que se cheire.

– Vô, eu sou amiga do Carlinhos desde que tenho, sei lá, uns três anos! Por que é que agora não posso andar com ele? Isso tem alguma coisa a ver com a reunião? – questionou Mônica.

– Menina, você não deve meter o nariz em assunto de adulto. É bom me obedecer e não se encontrar mais com filho nenhum daquele ambientalista de araque. Senão eu ponho você num ônibus de volta para São Paulo e para os seus pais!